

# BORA MARATONAR NO OLDFLIX: UMA ANÁLISE DO SPLINTER -FLIX NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Lucas Benamor MARTINS

**RESUMO:** Este artigo se dedica à análise do splinter -flix no português brasileiro. O objetivo principal da pesquisa é determinar qual dos três esquemas básicos traçados por Gonçalves e Almeida (2012) melhor descreve as formações complexas que comportam a partícula não nativa — tais como “pobreflix” e “novelasflix” —, além de avaliar o grau de nativização da mesma. Com esse intuito, foi adotado o aparato teórico-metodológico da Morfologia Construcional (BOOJI, 2005, 2007, 2010) e foram coletados dados da internet, que representam em sua maioria nomes de plataformas digitais de streaming. Ao final, conclui-se que o processo de formação de palavras a partir do splinter -flix, ainda pouco produtivo, se enquadra no esquema básico da sufixação —  $[ [X]_x Y ]_y$  — e que o splinter apresenta um grau baixo de nativização, inclusive se associando a radicais estrangeiros — tais como “old” e “chess”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Morfologia Construcional. Formação de palavras. Splinter.

## INTRODUÇÃO

No âmbito dos estudos interessados pela morfologia das línguas naturais, muito se discute sobre os processos de formação de palavras. Embora, tradicionalmente, a composição e a derivação sejam as mais focalizadas pela literatura, existem vários processos cujas propriedades não correspondem completamente a nenhuma das duas, ora se assemelhando a uma ora à outra. Como solução ao problema desses casos de difícil classificação, trabalhos recentes propõem que a divisão rigorosa em duas categorias seja substituída por uma escala de gradação, e que, no *continuum* de processos de formação de palavras, a composição e a derivação passem a representar extremos prototípicos (KASTOVSKY, 2009; BAUER, 2005; PETROPOULOU, 2009; RALLI, 2008; GONÇALVES, 2013; entre outros).

Dentre os processos que se encontram no meio termo, destacam-se aqui os *splinters* (Quadro 1), que, de modo geral, referem-se à formação de palavras por meio de pedaços de outras, em vez de morfemas já consolidados na língua. Apesar de haver certa discordância entre os autores acerca dessas partículas, o presente trabalho alinha-se à perspectiva de Bauer (2005), segundo a qual, diferentemente dos casos de *blending* (cruzamento vocabular) — como “enxadachim” e “presidengue” (ANDRADE e RONDININI, 2016) —, que também ocorrem através da combinação de pedaços de palavras, os *splinters* pressupõem uma formação recorrente de novos itens.

Palavra Fonte	Splinter	Exemplos	Significado do splinter
Sertanejo	-nejo	Pagodenejo Funknejo Feminejo	Estilos de música sertaneja
Maionese	-nese	Camaronese Macarronese Bacalhaunese	Saladas de maionese com (camarão, macarrão, bacalhau)

Quadro 1: Exemplos de Splinters do Português do Brasil. Fonte: elaboração própria

Devido à popularização da internet e à forte presença mundialmente das plataformas digitais nos últimos anos, pedaços de palavras estrangeiras (Quadro 2) tem sido cada vez mais adicionados ao acervo de *splinters* do português do Brasil (PB), podendo ou não manter vestígios da pronúncia da língua de origem — no caso da maioria, o inglês. Tendo isso em vista, objetiva-se avaliar a produtividade e o grau de nativização da partícula *-flix* no PB, de modo a verificar se o seu comportamento condiz com o de um *splinter* conforme os critérios de Bauer (2005). Assim, pretende-se fornecer evidências a favor da proposta supracitada, de que a distribuição dentro de um *continuum* seria mais apropriada para a descrição e a classificação dos variados processos de formação de palavras.

Palavra Fonte	Splinter	Exemplos	Significado do splinter
Podcast	<b>-cast</b>	Jornal-cast Nerd-cast Série-cast	Transmissão de conteúdo (de jornal, de séries etc.) pelo celular
Wikileaks	<b>-leaks</b>	PT-leaks Lula-leaks Nikiti-leaks	Vazamento de informação sobre (o PT, o Lula, políticos de Niterói etc.)

Quadro 2: Exemplos de Splinters não nativos do Português do Brasil. Fonte: elaboração própria

## PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS A PARTIR DE SPLINTERS

De acordo com Gonçalves (2011), a composição pode ser definida, grosso modo, como a combinação de palavras ou de radicais entre si que gera um item morfológicamente complexo — como em “girassol” e “peixe-boi”. A derivação, por sua vez, é caracterizada sobretudo pelo emprego de afixos, cujos tipos mais conhecidos são os prefixos — como in- e des- em “infelicidade” e “desfazer” — e os sufixos — como -eiro e -al em “jardineiro” e “fenomenal” —, embora existam outros, os circunfixos por exemplo — como en-X-ecer e a-X-ar em “entardecer” e “apaixonar”.

No que concerne à formação de palavras a partir de *splinters*, sob um viés semântico, o processo se assemelha à composição, uma vez que a criação dessas partículas — muitas vezes relacionadas com outros fenômenos, como o *blending* — advém de uma substituição sublexical, a partir da qual “uma sequência não-morfêmica de uma dada palavra é reinterpretada como unidade significativa” (ALMEIDA e GONÇALVES, p. 79, 2007). Nesse sentido, apesar de apenas representarem uma parte da palavra fonte, os *splinters* passam a expressar todo o significado dela, o que, em certa medida, os nivela a lexemas. Embora não seja uma característica generalizada, vale também comentar o caso do *splinter* -nejo, que frequentemente concorda em gênero com a palavra a que se associa — como em “sextaneja” e “quintaneja” —, tal como ocorre com o plural de determinados compostos, em que as duas palavras integrantes recebem a marca de número — como em “meias-calças” e “primeiras-damas”.

Como explicado na seção anterior, os *splinters* não se referem a todos os pedaços de palavra envolvidos em casos de cruzamento vocabular, distinguindo-se em função da sua recorrência. Os *splinters* se limitam, portanto, a elementos presentes em uma série de formações, nos quais ocupam uma borda específica, ou à esquerda — como caipi- e info- em “capivodka” e “info-professor” — ou à direita — como -trocínio e -lé em “mãetrocínio” e “sacolé”. Embora tais propriedades sejam comuns aos afixos já consolidados na língua, os *splinters* não são afixos

## Bora maratonar no oldflix: uma análise do splinter -flix no português do Brasil

prototípicos por não possuírem estatuto morfológico nas suas respectivas palavras fontes, além de possivelmente serem alçados à condição de palavras independentes (BAUER, 2005). Assim sendo, entende-se que os *splinters* representam elementos em vias de morfologização (FOX, 1995), situados entre radicais e afixos, assim como a formação de palavras a partir de *splinters* é um processo que se situa entre a composição e a derivação, o que corrobora a insuficiência dessas duas categorias frente a toda diversidade dentro de uma língua e à criatividade linguística dos falantes dela.

### UMA SUBCATEGORIA: SPLINTERS NÃO NATIVOS

Dentre os *splinters* que são atualmente produtivos no PB, existe uma parte que não advém de palavras fontes nativas devido à importação de elementos estrangeiros que foi fortemente motivada por avanços tecnológicos mais recentes com grande impacto sócio-cultural, associados à internet e aos aplicativos digitais cada vez mais usados. Segundo Gonçalves e Almeida (2012) e Gonçalves (2016), esse fenômeno não se limita a empréstimos prontos — como “*cyber-bullying*” — ou traduções (decalques) — como “*cyber-café*” (*cyber-café*) — atingindo não apenas palavras, mas também partículas menores, como por exemplo *splinters*. Ao se apropriar desses elementos, e adaptá-los aos padrões que regem os processos de formação de palavras no PB, torna-se possível a criação de novas palavras sem qualquer respaldo na língua de origem, por exemplo “*cyber-camelô*” e “*cyber-cola*”. Como ambas as palavras não possuem formas equivalentes no inglês, entende-se que o único elemento importado foi o *splinter cyber-*.

Em um estudo que aborda mais profundamente essa partícula, Gonçalves (2016) identifica uma gama de significados expressos por esse tipo morfológico (Quadro 3), que o autor relaciona com os diferentes sentidos que perpassam a própria palavra fonte (*cybernetics*) ao longo da sua história. No entanto, por mais produtivo que seja, presente em uma série de criações vernaculares, o *splinter cyber-* não foi completamente nativizado, preservando uma pronúncia — [‘saj.bex] em vez de [‘si.bex] — e grafia — com a letra <y> — similares às do inglês, o que é um possível indício de que falantes do PB ainda o reconheçam como um elemento estrangeiro.

Exemplos	Significado(s) do splinter
Cyber-bar Cyber-café	Com rede wi-fi e acesso à internet
Cyber-índio Cyber-avó	Detentor de conhecimento e domínio referente a tecnologias
Cyber-cola Cyber-ataque	Por meio de um instrumento tecnológico
Cyber-camelô Cyber-condria	Associado a aparelhos eletrônicos

Quadro 3: O Splinter cyber- no Português do Brasil (extraídos de GONÇALVES, 2016, p. 134)

No entanto, em função das bases etimológicas compartilhadas por um número considerável de palavras nas duas línguas, há inúmeros casos em que os elementos em questão não parecem importados do inglês. Dois exemplos disso são os *splinters* info- e -pédia em “*info-professor*” (GONÇALVES, 2013) e “*Flupédia*” (GONÇALVES, 2016). Apesar de terem sido

comprovadamente incorporadas de formações estrangeiras, essas partículas poderiam ser facilmente consideradas nativas pelo falante comum devido à proximidade com palavras usuais no PB — como “Informática” e “Enciclopédia”. Por isso, tendem a ser mais nativizadas do que outras, adquirindo uma pronúncia, além de uma grafia, sem vestígios do inglês. Nas palavras de Gonçalves (2013),

O sentimento de vernaculidade, se é que podemos assim nos expressar, deriva do menor ou maior grau de distanciamento fonológico e/ou ortográfico da partícula em relação à matriz na língua doadora. [...] Os mais integrados à língua e, portanto, praticamente sentidos como vernáculos, são aqueles em que apresentam feição fonológica e gráfica idênticas a formas plenas existentes em português, a exemplo de info-, euro- e -lândia. (p. 151)

## CONTRIBUIÇÕES DA MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL

Assim como a maioria dos estudos supracitados (GONÇALVES e ALMEIDA, 2012; GONÇALVES, 2013; entre outros), o presente trabalho se alinha aos postulados de Booij (2005, 2007, 2010) e da Morfologia Construcional (MC), que se mostra mais propícia para a análise de processos de formação de palavras que não são contemplados pelas categorias canônicas de composição e derivação. Nesse modelo, considera-se que as línguas naturais comportam um inventário estruturado de padrões de forma-significado — nomeados construções — nos mais variados níveis de abstração. No nível da palavra especificamente, alvo da MC, formações complexas são sempre constituídas por uma parte fixa e uma parte variável, representada por X. Em construções X-nese (Tabela 1), por exemplo, o *splinter*-nese é a parte fixa e os nomes com que se combinam — geralmente, de comidas — as partes variáveis. Essas construções constituem esquemas, que nada mais são do que padrões de forma-significado que reúnem, no caso da MC, palavras com características compartilhadas entre si e que podem ser replicados para criação de novas palavras.

Com base em Booij (2005), Gonçalves e Almeida (2012) traçam três esquemas básicos para representar de modo geral os principais processos de formação de palavras no PB, cada um abrangendo subesquemas com suas respectivas especificações. Foi atribuído à composição o esquema básico  $[ [X]_x [Y]_y ]_s^1$ , segundo o qual, independente da classe morfológica original das palavras combinadas, o processo sempre resulta em substantivos no português. No que se refere aos esquemas da prefixação e da sufixação, a diferença mais saliente está em qual elemento da palavra é a cabeça morfológica, isto é, o elemento que determina o gênero e a classe morfológica do item lexical, além de ser o núcleo semântico. No caso da prefixação — de esquema básico  $[ X[Y]_y ]_y$  —, a cabeça é a palavra base a que o prefixo se adjuge, de forma que não haja mudança categorial nesse processo, portanto categorialmente neutro, enquanto, no caso da sufixação — de esquema básico  $[ [X]_x Y ]_y$  —, a cabeça é o sufixo.

A título de exemplo, o *splinter* cyber- segue o esquema da prefixação (GONÇALVES, 2016), uma vez que não sinaliza o gênero e a classe da palavra, se ela está no singular ou no plural, além de não guiar a compreensão do seu significado — “cyber-avô” e “cyber-camelô” são palavras que denotam, sobretudo, um tipo de avô e de camelô, especificado pelo *splinter*. No caso do *splinter*-nese, por outro lado, independente de a palavra a que ele se adjuge ser do gênero masculino, como “camarão” em “camaronese”, a palavra resultante sempre será do gênero feminino e a construção de sentido sempre se iniciará pela partícula na borda à direita — “Camaronese”, “Bacalhaunese” e “Macarronese” denotam, sobretudo, saladas de maionese, cujos ingredientes principais variam e são especificados pela palavra base.

<sup>1</sup> Nos três esquemas, as variáveis X e Y representam sequências fonológicas — que podem se referir tanto a formas livres quanto presas — e os subscritos x e y indicam as suas respectivas categorias lexicais.

## Bora maratonar no oldflix: uma análise do splinter -flix no português do Brasil

Mas onde se encaixa a partícula -flix nesse panorama traçado? Será que configura um caso de *splinter*? De qual esquema básico mais se aproxima o processo de formação de palavras a partir envolvendo tal unidade? E, por fim, tratando-se de uma partícula estrangeira, qual o seu grau de nativização depois de ser importada ao PB? Nas próximas seções, pretende-se responder a essas perguntas.

### O SPLINTER NÃO NATIVO -FLIX: ANÁLISE E RESULTADOS

A partícula -flix, alvo da pesquisa aqui conduzida, advém da palavra fonte “*Netflix*”, nome de uma plataforma *online*, originalmente estadunidense, que reúne inúmeros filmes e séries, fornecendo para seus assinantes um serviço de *streaming* — isto é, de transmissão de conteúdo digital em larga escala sem que seja necessário baixar tal conteúdo no aparelho em que está sendo acessado. No inglês, a partícula se refere à forma livre “*flick*”, cujo plural, “*flicks*” tem uma terminação foneticamente semelhante à pronúncia da letra <x> quando esta se encontra em final de vocábulo — como em “*box*” e “*index*” —, daí a grafia diferenciada e o significado da palavra “*Netflix*”, literalmente “filmes na internet”.

No entanto, o sentido expresso pela partícula -flix não parece se limitar a “filmes”. De modo análogo a vários *splinters* no PB, a sequência não morfêmica, devido à ocorrência de uma substituição sublexical, assume o significado inteiro da palavra a que pertencia (ALMEIDA e GONÇALVES 2007), no caso “*Netflix*”. A palavra “terrorflix”, por exemplo, não se refere simplesmente a filmes de terror, tampouco a filmes de terror disponíveis na internet. Na verdade, “terrorflix” se refere a uma plataforma *online* de streaming, que reúne filmes do gênero cinematográfico especificado pela base com que a partícula se combinou (Figura 1). De fato, na grande maioria das palavras que foram recolhidas para o presente trabalho — todas retiradas do google, por se tratarem de vocábulos não dicionarizados e, em geral, nomes de endereços eletrônicos —, o sentido expresso pela partícula -flix parece ser “plataforma de *streaming* de conteúdo audiovisual”.



Figura 1: Página inicial do endereço eletrônico <<https://terrorflix.club/>>.<sup>2</sup>

As palavras “*animesflix*”<sup>3</sup>, “*seriesflix*”<sup>4</sup> e “*novelasflix*”<sup>5</sup>, embora não destaquem um gênero cinematográfico, também nomeiam plataformas de *streaming* com um conteúdo audiovisual especificado pela base com que a partícula se combina. Curiosamente, não foi

<sup>2</sup> Acessado pela última vez no dia 07/07/2023.

<sup>3</sup> Disponível em <<https://animesflix.net/>>. Acesso em 06/07/2023.

<sup>4</sup> Disponível em <<https://seriesfxtv.net/>>. Acesso em 06/07/2023.

<sup>5</sup> Disponível em <<https://novelasflixbr.com/novelas/>>. Acesso em 06/07/2023.

encontrado o produto “filmesflix”, possivelmente devido a uma expectativa de que serviços de *streaming* semelhantes à *Netflix* incluam filmes no catálogo ofertado. Assim sendo, as três formações supracitadas podem ter sido motivadas pelo objetivo de contrariar essa expectativa e destacar o formato de conteúdo audiovisual que é seu verdadeiro foco, especialmente as palavras “animesflix” e “novelasflix”, que se referem a formatos com características mais específicas e com audiências mais restritas que séries. Considerando os exemplos “afroflix”<sup>6</sup> e “amazôniaflix”<sup>7</sup>, o que é enfatizado é levemente diferente, uma vez que o conteúdo divulgado em ambas as plataformas varia de filmes e séries a documentários e curta-metragens, entre outros formatos. As bases a que a partícula -flix se adjuge parecem se referir, sobretudo, a *quem* está envolvido nas produções que a plataforma disponibiliza. Nos dois casos, estão envolvidas pessoas pertencentes a grupos étnico-sociais marginalizados e, por isso, com menos representatividade que outros grupos no catálogo de plataformas como a *Netflix*.

Em relação à palavra “seriesflix”, também se pode especular acerca da ausência na palavra base do acento gráfico com que ela é convencionalmente escrita no PB. Como a proveniência dessa plataforma especificamente se mostrou incerta, é possível que se trate de um empréstimo pronto, assim como “*cyber-bullying*”. Outra possibilidade é evidenciada pelas palavras “oldflix”<sup>8</sup>, “sexflix”<sup>9</sup> e “chessflix” (Figura 2), que nomeiam plataformas de *streaming* comprovadamente (co-)criadas por indivíduos brasileiros e que, portanto, definitivamente não são empréstimos. Independentemente das motivações exclusivas à formação de cada palavra, a preferência em comum por uma base estrangeira parece indicar que a partícula -flix ainda é reconhecida como não nativa pelos falantes do PB, o que é corroborado pelo modo que ela é geralmente pronunciada — [fliks] — semelhante ao inglês.



Figura 2: Página inicial do endereço eletrônico <<https://chessflix.com.br/>><sup>10</sup>

Além disso, a palavra “oldflix” — nome de uma plataforma de streaming de filmes clássicos, dentre os quais muitos são estadunidenses — parece resgatar em certa medida o sentido original em inglês do pedaço *flix* na palavra fonte “*Netflix*”, uma vez que, traduzida literalmente, a sequência “*old flicks*” significa “filmes antigos”. Apesar disso, assim como o substantivo nativo

<sup>6</sup> Disponível em <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2017/05/conheca-a-afroflix-plataforma-gratuita-com-foco-em-producoes-de-artis.html>>. Acesso em 06/07/2023.

<sup>7</sup> Disponível em <<https://amazoniaflix.com.br/>>. Acesso em 06/07/2023.

<sup>8</sup> Disponível em <<https://www.oldflix.com.br/>>. Acesso em 06/07/2023.

<sup>9</sup> Disponível em <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2017/05/04/brasileirinhas-lanca-streaming-sexflix-e-recebe-ameaca-judicial-da-netflix.htm>>. Acesso em 06/07/2023.

<sup>10</sup> Acessado pela última vez em 06/07/2023.

## Bora maratonar no oldflix: uma análise do splinter -flix no português do Brasil

“terror” em “terrorflix”, o adjetivo “*old*” do inglês contribui para a construção de sentido da nova palavra formada, informando alguma particularidade do conteúdo audiovisual disponibilizado pela plataforma de streaming que nomeia. Dessa forma, entende-se que o sentido geral aqui atribuído à partícula analisada, de “plataforma de *streaming* de conteúdo audiovisual”, não foi perdido.

Outro caso com base adjetiva — dessa vez, nativa — é o da palavra “pobreflix”<sup>11</sup>, que, diferentemente de “oldflix”, não parece resgatar o sentido original em inglês. Não se trata de uma plataforma de streaming de “filmes pobres”, em que a base potencialmente estaria menosprezando a qualidade dos filmes em seu catálogo. Na verdade, o adjetivo “pobre” parece qualificar a própria plataforma como gratuita, voltada ao público que não consegue pagar a assinatura da Netflix.

Em relação à plataforma designada pela formação “chessflix”, vale apontar que o catálogo ofertado não inclui filmes, séries, ou qualquer outro formato de conteúdo audiovisual voltado para a televisão. Trata-se, na verdade, de uma plataforma com viés educativo, que oferece cursos com aulas gravadas e ministradas por jogadores mestres de xadrez. Similarmente, as palavras “Bolsoflix”<sup>12</sup> e “Lulaflix”<sup>13</sup> também se referem a endereços eletrônicos que não reúnem filmes ou produções afins, divulgando, em vez disso, vídeos difamadores sobre as duas figuras políticas especificadas pelas bases — respectivamente, o ex-presidente Bolsonaro e o atual presidente Lula. Esses três exemplos sugerem que a partícula -flix está se tornando mais flexível semanticamente, participando na formação de palavras que nomeiam plataformas cada vez mais diferentes da *Netflix*.

Dentre todas as palavras contempladas, “metflix” (Exemplo 1) é a única que não remete diretamente ao acervo de uma plataforma de *streaming* específica e, curiosamente, é também a que mais se relaciona com a palavra fonte. Retirado da letra de uma música funk, o termo equivale a uma expressão em inglês, “*netflix and chill*” (Exemplo 2), designando a prática de assistir a algum conteúdo na *Netflix* com um par romântico, tendo segundas intenções.

Exemplo 1: “Vou sentir falta de te ver e fazer um Metflix no sofá”<sup>14</sup>

Exemplo 2: “*When [...] he wants to netflix and chill but you realize he has no TV.*”<sup>15</sup>

Da mesma forma que os *splinters* -nejo e -nese, entre outros, não têm estatuto morfológico nas suas respectivas palavras fontes — sertanejo e maionese —, a partícula -flix em “*Netflix*” não expressa o mesmo sentido que nas outras formações comentadas nesta seção, o que também parece ser o caso em “metflix”. De fato, entende-se aqui que a criação dessa palavra ocorre por meio de uma operação diferente das anteriores. Parece se tratar, na verdade, de um caso de *blending* entre os vocábulos “mete” e “*Netflix*”, motivado pela semelhança fonética entre o fragmento net-, pronunciado no PB como [nɛ.tʃi], e o verbo conjugado à terceira pessoa do singular do presente do indicativo, [mɛ.tʃi].

Como a maioria das palavras formadas pela partícula -flix — como “terrorflix”, “afroflix”, “animesflix”, “chessflix”, entre outras — representam nomes de plataformas *online*, infere-se que a criação de novas palavras tem uma motivação, sobretudo, denominadora. Além disso, parece se

<sup>11</sup> Disponível em <<https://pobreflix.org/filmes/>>. Acesso em 07/07/2023.

<sup>12</sup> Disponível em <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/bolsoflix-site-registrado-exterior-videos-contra-bolsonaro/>>. Acesso em 06/07/2023.

<sup>13</sup> Disponível em <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/canal-lulaflix-tem-24h-para-fazer-ajustes-de-identificacao-e-retirar-conteudo>>. Acesso em 06/07/2023.

<sup>14</sup> Disponível em <<https://www.letras.mus.br/mc-poze/metflix/>>. Acesso em 07/07/2023.

<sup>15</sup> Disponível em <<https://www.dictionary.com/e/slang/netflix-and-chill/>>. Acesso 07/07/2023

tratar de uma partícula com muitas possibilidades de combinação, adjungindo-se a nomes — sejam eles nativos, como “terror”, ou não nativos, como “*chess*” —, prefixos — como em “megaflix”<sup>16</sup> —, adjetivos — novamente, tanto nativos, como “pobre”, quanto “não nativos”, como “*old*” — e *splinters* — como “bolso” (Bolsonaro). Apesar da sua equivalência semântica a um lexema, a recorrência da partícula — que sempre se posiciona à borda direita do vocábulo —, somada à sua condição de forma presa no PB — uma vez que não aparece sem estar acompanhada de uma base —, não condiz com um caso prototípico de composição. Em se tratando de um elemento aparentemente no meio do caminho entre radical e afixo, parece adequado classificar a partícula -flix como um *splinter* não nativo.

Embora os produtos da operação sempre sejam substantivos, tal como os produtos da composição segundo o esquema básico traçado por Gonçalves e Almeida (2012), o processo de formação de palavras a partir do *splinter* -flix parece se assemelhar mais ao esquema básico da sufixação, [ [X]<sub>x</sub>Y]. Nas palavras “novelasflix” e “animesflix”, a partícula formativa se associa a bases com a marca de número -s, mas os produtos estão no singular, possuindo um único referente no mundo real. Além disso, o *splinter* atua como o núcleo semântico de todos os produtos comentados no presente trabalho, uma vez que guia a compreensão do significado de todas as palavras — “amazôniaflix”, “oldflix”, “seriesflix” são, antes de tudo, “plataformas online de *streaming* de conteúdo audiovisual”, com diferentes especificações em relação a esse conteúdo. Nesse sentido, o *splinter* parece representar a cabeça categorial das construções Xflix, tornando-o mais compatível com o esquema básico da sufixação.

## CONCLUSÕES

Como explicado, originalmente em inglês, a partícula -flix na palavra “*Netflix*” equivale a forma “*flicks*”, significando “filmes”, apesar da grafia diferenciada. Na passagem para o PB, contudo, recebe outro sentido, no geral de “plataforma de streaming com conteúdo audiovisual”, podendo nomear plataformas bem parecidas, ou bem diferentes, daquela a que a palavra fonte se refere.

Ademais, trata-se de um *splinter*, em certa medida, limitado ao ambiente virtual e, comparado aos *splinters* analisados por Gonçalves (2016), parece estar em um patamar de nativização próximo ao do *splinter* -leaks, isto é, relativamente baixo. Apesar disso, contribui para a formação de palavras inegavelmente vernaculares no PB, que nomeiam plataformas que foram criadas por falantes nativos, como “amazôniaflix”, “pobreflix” e “Lulaflix”. Nesse sentido, o comportamento do *splinter* -flix no PB corrobora a hipótese de que a língua importa de outras, como o inglês, mais do que apenas palavras (GONÇALVES e ALMEIDA, 2012; GONÇALVES, 2016). Em se tratando de uma operação que não corresponde completamente nem à composição nem à derivação, a análise do processo de formação de palavras a partir do *splinter* -flix também reforça que a descrição e a classificação de processos afins são melhor conduzidas por meio de um *continuum*, com dois polos prototípicos, em vez de duas categorias rígidas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. L. I.; GONÇALVES, C. A. V. Bases semântico-cognitivas para a diferenciação de cruzamentos vocabulares. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 11, p. 75-85, 2007.

<sup>16</sup> Disponível em <<https://megaflix.co/>>. Acesso em 07/07/2023.

## Bora maratonar no oldflix: uma análise do splinter -flix no português do Brasil

ANDRADE, K. E.; RONDININI, R. B. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? *Delta* (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), 32.4, p. 861-887, 2016

BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. et al. (eds.) *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 97-108, 2005.

BOOIJ, G. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BOOIJ, G. Construction morphology and the lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HARBOU, N. (eds.). *Selected proceedings of the 5th Décebrettes. Morphology in Toulouse*. Somerville MA.: Cascadilla Press, 2007, pp. 34-44.

BOOIJ, G. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, W. et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 109-131

FOX, A.. *Linguistic Reconstruction: An Introduction to Theory and Method*. OUP, 1995.

GONÇALVES, C. A. Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um Continuum? Pequeno estudo de casos. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, 5 (1), p. 62-89, 2011a.

GONÇALVES, C. A. “Na sextaneja com a caipifruta da mãe drasta”: o estatuto morfológico dos splinters no português brasileiro contemporâneo. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Número especial 2013. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

GONÇALVES, C. A.. Um análise construcional dos splinters não nativos em uso no português do Brasil. *Scripta*, 20(38), 98-120. <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2016v20n38p98>, 2016.

GONÇALVES, C. A. Atuais Tendências em Formação de Palavras no Português Brasileiro. *SIGNUM*, Londrina, n. 15/1, p. 169-199, 2012.

KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McConchie, R. W. et al. (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p. 1-13, 2009.

## LET'S BINGE WATCH SOME MOVIES ON OLDFLIX: AN ANALYSIS OF THE -FLIX SPLINTER IN BRAZILIAN PORTUGUESE

**ABSTRACT** This paper aims to analyze the -flix splinter in Brazilian Portuguese (BP). Its main objectives are: i) to determine which of the three basic schemes presented by Gonçalves and Almeida (2012) best describes the complex words formed by the particle imported from English — for instance, “pobreflix” and “novelasflix”; and ii) to evaluate to what degree the -flix splinter is naturalized in BP. In order to accomplish such, the paper adheres to the theoretical and methodological principles of Construction Morphology (BOOIJ, 2005,

*Cadernos do NEMP*, n. 14, 2023, p. 51-60.

2007, 2010) and contains data collected from the internet, which mainly refers to the names of streaming platforms. In conclusion, complex words formed by the *-flicx splinter* are still few and seem to correspond to the basic scheme of suffixation —  $[ [X]_x Y ]_y$ . In addition, the imported particle presents a low degree of naturalization, frequently combining with English roots — for instance, “old” and “chess”.

*KEYWORDS:* Construction morphology. Word formation. Splinter.

\* Data de envio: 15 de agosto de 2023.

\*Data de aprovação do artigo para publicação: 19 de dezembro de 2023.